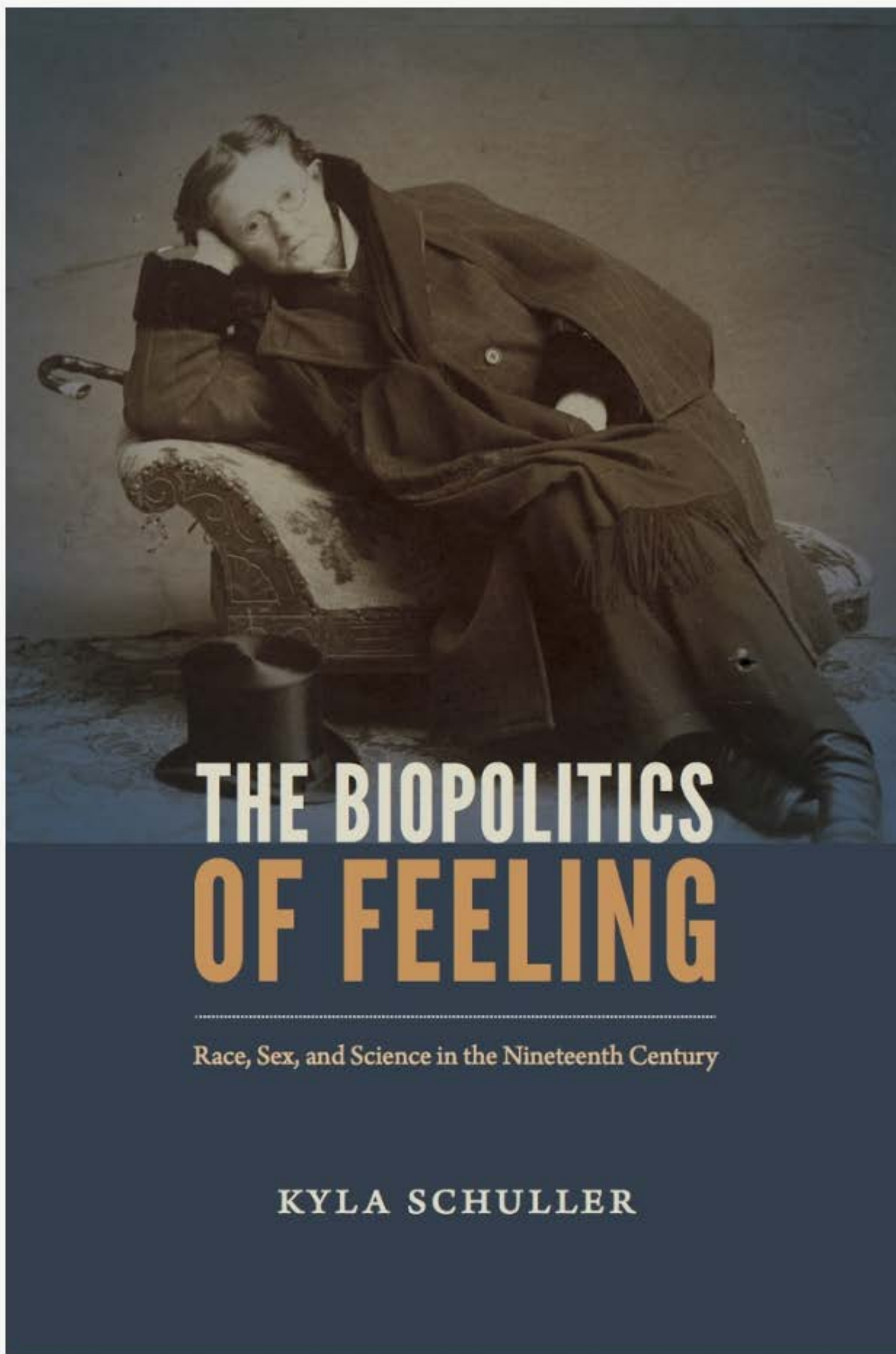


a história racista do binarismo de sexo

1

Tradução do post de Alok (@alokvmenon)

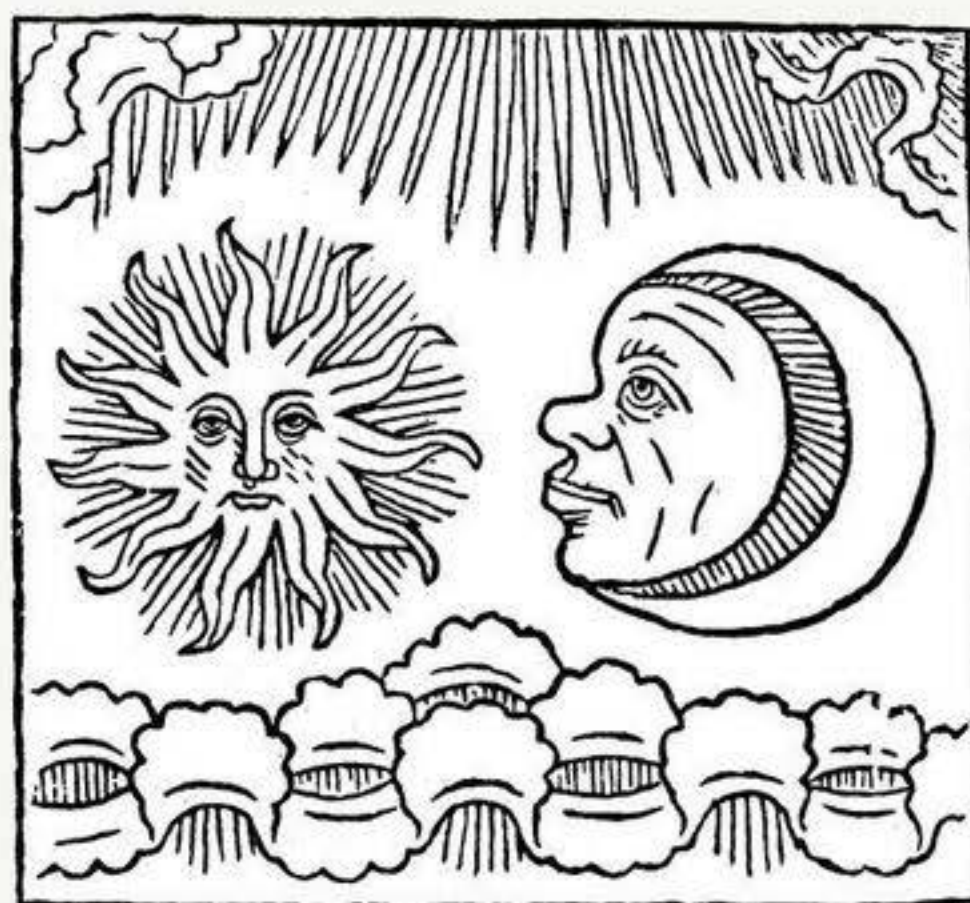


THE BIOPOLITICS OF FEELING

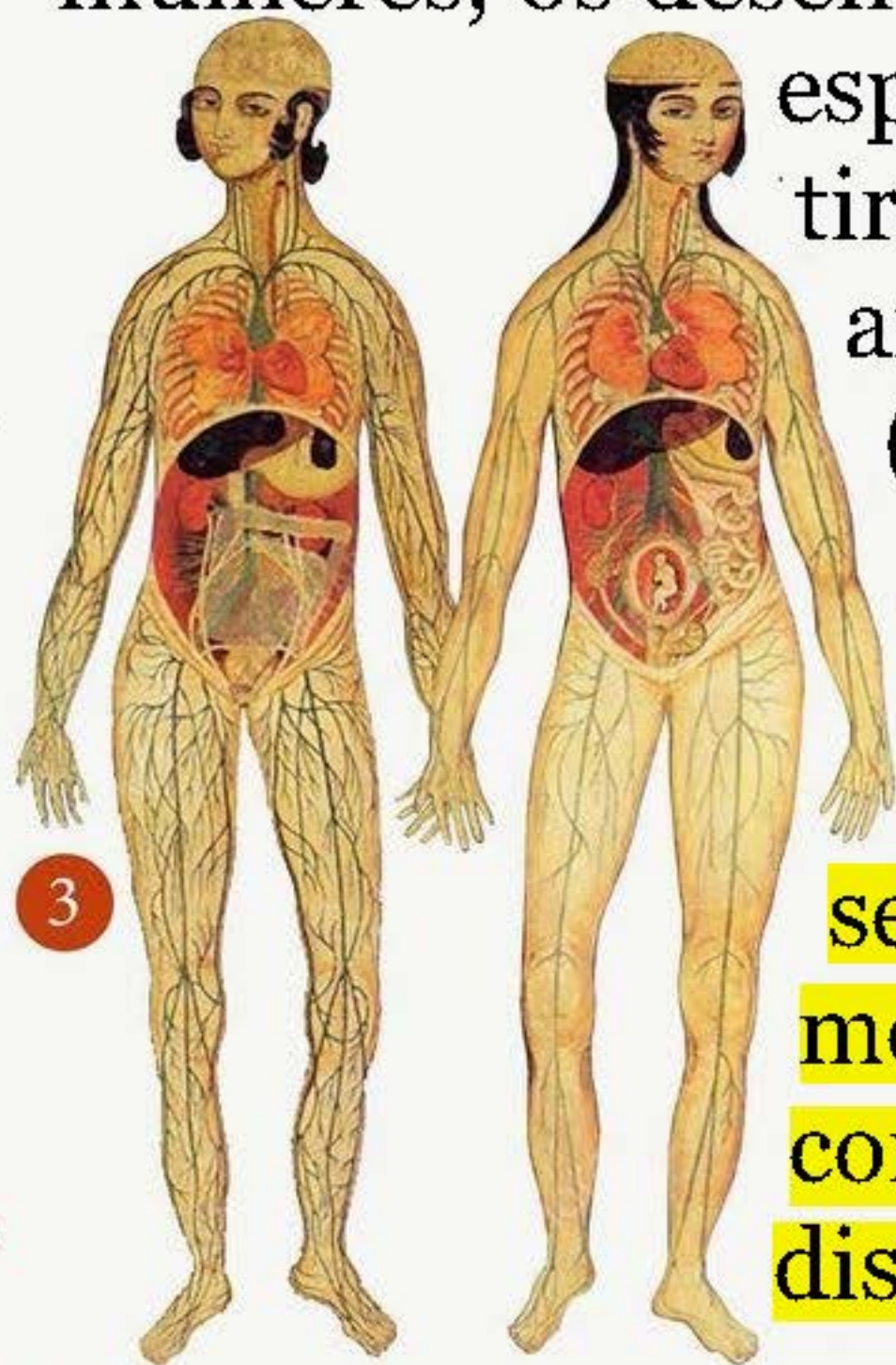
Race, Sex, and Science in the Nineteenth Century

KYLA SCHULLER

O binarismo de sexo (a ideia de que existem apenas dois sexos distintos e opostos) é uma invenção colonial do século XIX. Embora algumas culturas ao redor do mundo tenham anteriormente dividido a sociedade em homens e mulheres, os desenvolvimentos científicos



2



específicos desse período permitiram aos cientistas ocidentais argumentar que a diferença sexual (antes considerada energética) era anatômica (diferentes cérebros, sistemas esqueléticos, sistemas nervosos). O dualismo sexual (dois lados da mesma moeda) passou a ser visto como uma dicotomia (duas coisas distintas e opostas).

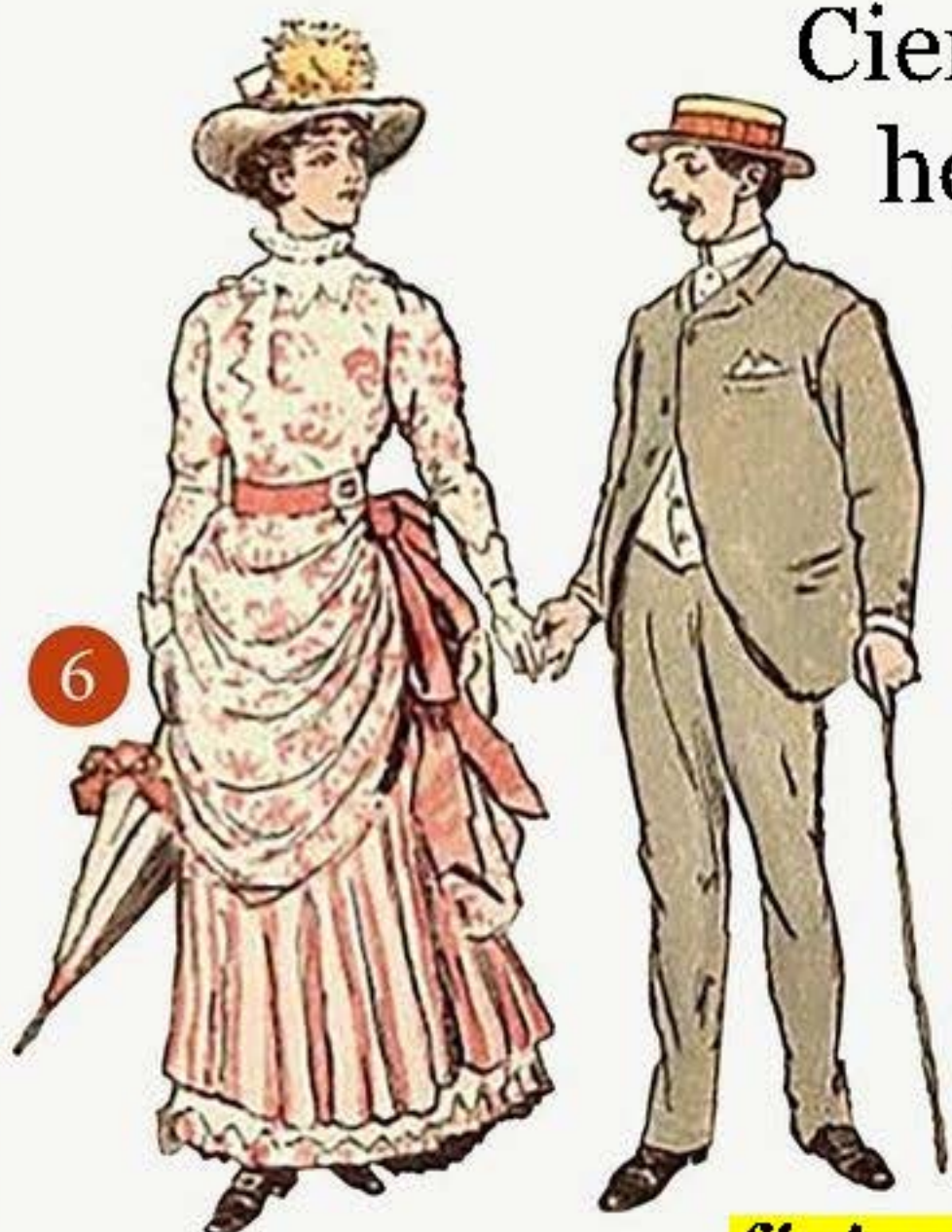
Cientistas argumentaram que os brancos eram superiores por causa de sua capacidade única de exibir uma diferença visual entre homens e mulheres. Pessoas negras, indígenas e outras pessoas de cor (BIPOC, do inglês black, indigenous, and people of colour) eram consideradas como de sexo indistinguível. Ao usar a palavra "mulheres", os cientistas falavam exclusivamente das mulheres brancas. Termos como "raças inferiores" eram usados sem referência ao sexo porque os cientistas acreditavam que não havia diferenças sexuais significativas nas comunidades BIPOC. Em 1886, o sexólogo alemão Krafft-Ebbing escreveu: "Quanto maior o desenvolvimento da raça, mais fortes os contrastes entre homens e mulheres". Em 1897, William Thomas ecoou: "quanto menos civilizada a raça, menos diferenças físicas entre os sexos".



4



5



Cientistas não acreditavam que homens e mulheres de diferentes raças compartilhassem a mesma natureza. Em vez disso, sustentavam que o sexo era específico a cada raça.

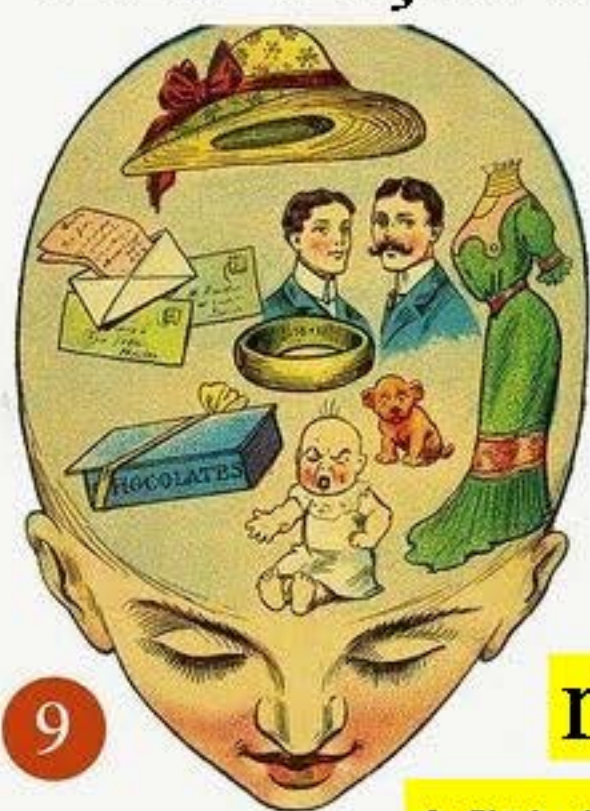
A crença era que, à medida que as sociedades progrediam da “selvageria” para a “civilização” ao longo do tempo, a distinção física entre homens e mulheres

aumentava. Pessoas brancas eram vistas como em constante evolução para se tornarem a civilização final na Terra, mas pessoas negras (em particular) eram vistas como presas na primitividade/animalidade, incapazes de alcançar a diferenciação sexual.



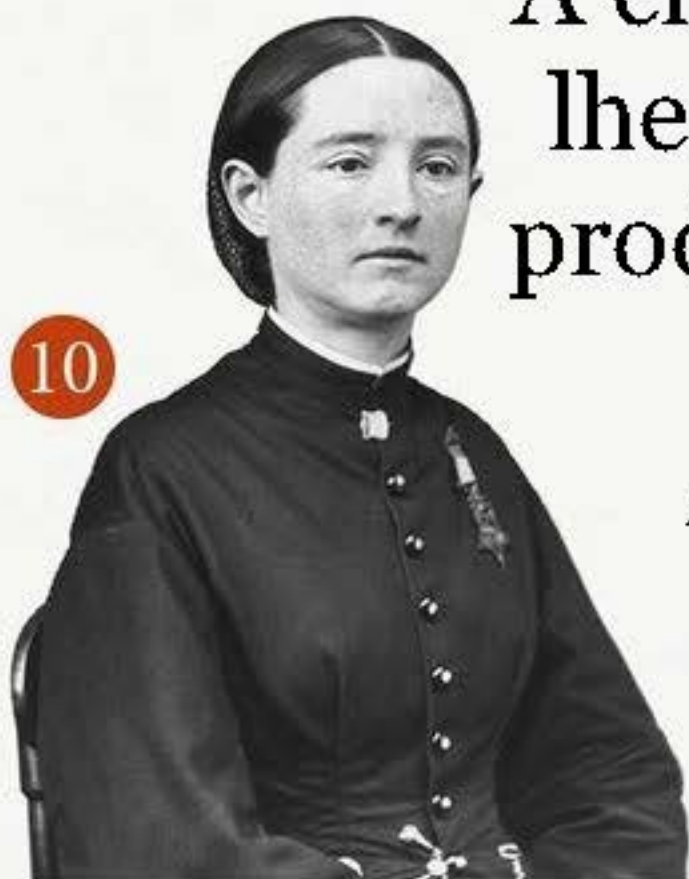
As diferenças sexuais físicas eram consideradas como produtos evolutivos dos papéis sociais de cada sexo. De acordo com o darwinista social Herbert Spencer, a razão pela qual as mulheres brancas pareciam tão diferentes dos homens brancos é porque, ao contrário de suas contrapartes

“primitivas”, elas eram donas de casa. O entendimento era que se a “civilização” (normas binárias de gênero) fosse trazida para os povos “primitivos” eles acabariam desenvolvendo diferenças sexuais ao longo do tempo. Esse



“conhecimento científico” era amplamente difundido e embasava as políticas públicas. Até as feministas brancas do século XIX viam a mulheridade como “um estado avançado de especialização mental, fisiológica, emocional e anatômica alcançado apenas pelas civilizadas”.

10



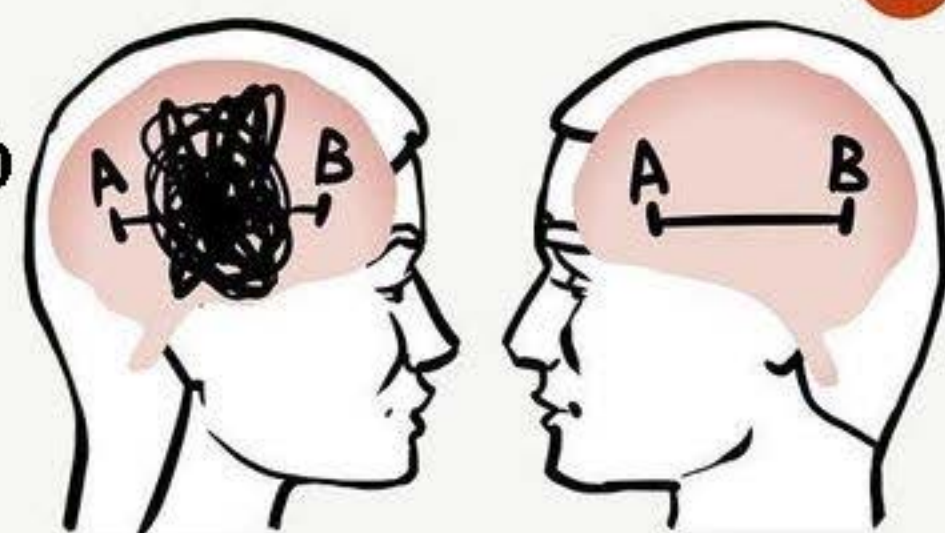
A cirurgiã Dra. Mary Walker definiu a mulheridade pela genitália e capacidade reprodutiva porque “a vagina servia como uma ligação entre o corpo e a raça”.

A vagina era entendida como um dos últimos resquícios da animalidade na raça branca que deveria ser administrada por mulheres para o futuro da

raça. Como outros orifícios (como a boca e o ânus) não estavam ligados à reprodução racial, o sexo oral e anal eram denunciados como incivilizados.

Cientistas se referenciavam a diferenças sexuais (como tamanho do cérebro e tamanho da pélvis), recentemente comprovadas, como evidência de que as mulheres eram inerentemente hiper-emocionais e os homens inerentemente racionais. Eles justifi-

caram a negação de direitos às mulheres brancas, argumentando que o único papel delas era o de serem veículos para perpetuação da raça e darem à luz a filhos.



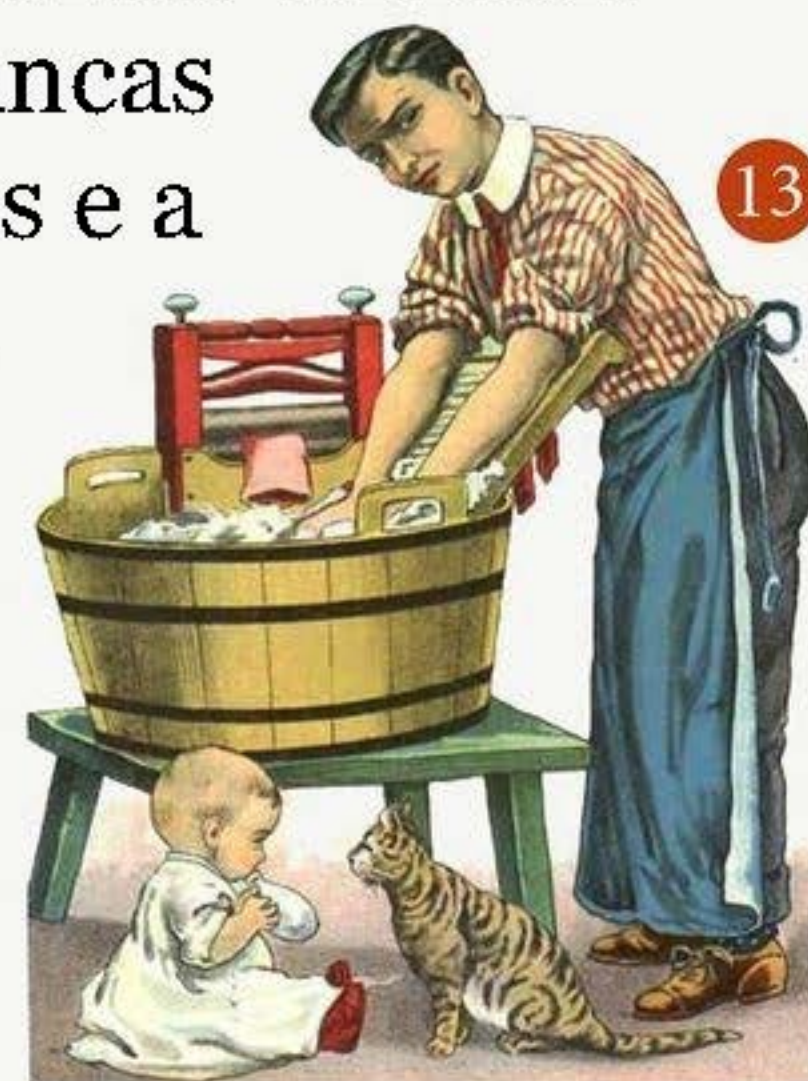
11

As sufragistas que se organizavam pelo direito ao voto enfrentaram uma reação formidável porque **as suas campanhas desafiavam a separação sexual das esferas** (a ideia de que as



12

mulheres deveriam permanecer no domínio privado e os homens no domínio público), uma característica considerada como uma conquista civilizacional única da raça branca. Os homens brancos temiam que conceder o voto às mulheres brancas causaria a “efeminização dos homens e a masculinização das mulheres” e que **esse desafio ao sexo binário levaria “a raça civilizada a deslizar na linha do tempo evolutiva de volta ao primitivismo”**.



13

Ainda hoje somos informades por esse legado. Em vez de lutar ao lado de pessoas trans/não binárias/intersexo, o feminismo dominante continua negando essa história e se apoiando em uma estrutura binária de homem ou mulher. Não há nada de feminista no binarismo do sexo, uma ferramenta que foi criada para naturalizar o sexismo e o racismo.



Créditos das Imagens

- 1 Olaf Hajek (@olafhajek)
- 2 Ilustração de "Fantastic Fables: A 14th Century Book of Moral Tales and Dialogues", de Nicolaus Pergamenus via sourcebook.stanford.edu
- 3 Arte da capa de "A Brief History of Medicine, de Paul Strathern (2005)
- 4 Casal vitoriano via dlf.pt
- 5 Retrato de Krafft-Ebing via walmart.com
- 6 Casal vitoriano, de Randolph Caldecott, via Getty Images
- 7 Ilustração da evolução da humanidade desde os primatas, via kiputsc.wordpress.com
- 8 Capa de outubro de 1929 da revista "Good Housekeeping"
- 9 Ilustração "A Woman's Mind magnified", de 1905, via The Mary Evans Public Library
- 10 Retrato da Dra. Mary Walker, via Library of Congress
- 11 Ilustração de Dmitry Natashin
- 12 Marcha das mulheres pelo direito ao voto, em Nashville, via Tennessee State Library and Archives
- 13 Cartão postal contra o sufrágio das mulheres, de 1909, com a imagem de um homem lavando as roupas com a legenda: "Quero votar mas minha mulher não permite". De Palczewski, Catherine H. Postcard Archive. University of Northern Iowa. Cedar Falls, IA.
- 14 @wicketcity